

Borges, o tempo e “O milagre secreto”

Ildália Aguiar de Souza Santos

Universidade Católica Dom Bosco, UCDB

Joyce Glenda Barros Amorim

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

O escritor argentino Jorge Luis Borges renovou a linguagem literária mundial com livros como *Ficções*, que apresenta contos com temas variados, nos quais figuram filosofia, metafísica, o fantástico, o múltiplo e o enigmático. Dentre esses contos, escolhemos “O milagre secreto” para realizar nossa análise, tendo por base os conceitos de tempo, sucessão temporal, eternidade e memória discutidos pelo próprio Borges, no ensaio “O tempo”, presente no livro *Jorge Luis Borges: cinco visões pessoais*. Nossa intenção é demonstrar como essas concepções do autor repercutem em seu fazer literário, mais precisamente na construção do conto citado.

“O milagre secreto” começa narrando um sonho que a personagem Jaromir Hladík teve, na noite de 14 de março de 1939, com um extenso jogo de xadrez. Porém, não é um jogo comum: não o jogam dois indivíduos, mas duas ilustres famílias. Além disso, esse jogo começara há séculos, mas não se sabia qual era o prêmio disputado. O narrador continua:

Jaromir (no sonho) era o primogênito de umas das famílias hostis; nos relógios, ressoava a hora da impostergável jogada; o sonhador corria pelas areias de um deserto chuvoso e não conseguia recordar as figuras ou as leis do xadrez. Nesta altura, despertou. Cessaram os estrondos da chuva e dos terríveis relógios. Um ruído compassado e unânime, cortado por algumas vozes de comando, subia das Zeltnergasse. Era o amanhecer; as blindadas vanguardas do Terceiro Reich entravam em Praga (Borges, 1972: 155-156).

Em seguida, descobrimos que a chegada dessas tropas nazistas seria decisiva para o destino de Jaromir: ele é preso cinco dias depois (no dia 19 de março de 1939), por ser um escritor judeu e por ter feito uma interpretação das fontes judaicas de Jakob Boehme. Isso também basta para que Jaromir seja condenado à morte pela Gestapo:

Fixou-se o dia 29 de março, às nove da manhã. Essa demora (cuja importância considerará depois o leitor) devia-se ao desejo administrativo de agir impessoal e pausadamente, como os vegetais e os planetas. (Borges, 1972: 156)

Percebemos, então, que o sonho de Jaromir era uma espécie de premonição. Deduzimos que a partida de xadrez era disputada, respectivamente, por nazistas e judeus: Jaromir era o primogênito da “família” dos judeus e “a hora da impostergável jogada”, por dedução, seria a hora de sua morte, que é o momento em que ele desperta do sonho. Percebemos também que o elemento “tempo” está presente desde o início do conto, compondo a narração:

“Nos **relógios** ressoava a **hora** da impostergável jogada. (...) nesta altura, despertou. Cessaram os estrondos da chuva e dos **terríveis relógios**. (...) No **décimo nono dia**, as autoridades receberam uma denúncia; **no mesmo décimo nono dia**, ao entardecer, Jaromir Hladík foi detido (...) Fixou-se o **dia 29 de março**, às **nove da manhã** (...)” (Borges, 1972: 156; grifos nossos)

O primeiro sentimento de Jaromir diante da “sentença” é o de simples terror. Depois, o prisioneiro passa a imaginar as possíveis circunstâncias de sua morte: “procurava exaurir absurdamente todas as variantes” (Borges, 1972: 157), num trabalho incansável. O narrador descreve essa angústia no trecho a seguir:

Misero na noite, procurava afirmar-se de algum modo na substância fugitiva do tempo. Sabia que este se precipitava para a madrugada do dia 29; raciocinava em voz alta: *Agora estou na noite do dia 22; enquanto dure esta noite (e seis noites mais) sou **invulnerável, imortal***. Pensava que as noites de **sonho** eram piscinas fundas e escuras nas quais podia submergir (Borges, 1972: 157; grifos em negrito nossos).

Notamos, no excerto citado, que as noites de sonho eram a única fuga, o único escape para a imaginação de Jaromir, pois o sonho é a uma forma de “paralisação” momentânea da nossa imaginação; nele, não percebemos a passagem real do tempo. Sobre isso, Borges (1987) afirma: o tempo é um problema essencial e, por isso, todos podemos prescindir do espaço, mas não do tempo. Borges faz um paralelo do tempo com a nossa consciência, pois esta passa de um estado a outro, o que constitui uma sucessão. Assim, para Borges, “o tempo é a sucessão” e o mundo começou a **ser** com o tempo. Desde então, tudo é sucessivo.

Como foi dito anteriormente, Jaromir é um escritor. No dia 28 de março, ao escurecer, sua imaginação – que estava focada na “premeditação” de sua própria morte – é distraída pela lembrança de seu livro *Os Inimigos* (inconcluso). Jaromir também escreveu *Vindicação da Eternidade**, talvez a única de suas obras que julgava menos deficiente. Essa obra é dividida em dois volumes:

(...) o primeiro historia as diversas eternidades que os homens idearam, do imóvel Ser de Parmênides até o passado modificável de Hinton; o segundo nega (com Francis Bradley) que todos os acontecimentos do universo integram uma série temporal (Borges, 1972: 158).

Em seu ensaio “O tempo”, Borges explica que, para Bradley, “o tempo não é um só, que flui através de todo o universo” (Borges, 1987: 46), mas “cada um de nós vive uma série de fatos, e essa série pode ser paralela ou não a outras” (ibidem: 46), ou seja, o tempo não é uno: ele é composto por diversas séries distintas. E Borges chega até a questionar: “Por que supor a ideia de um só tempo, um tempo absoluto, como imaginava Newton?” (ibidem: 47). O autor argentino compreende que o tempo equivale à percepção que temos da realidade; sendo assim, o tempo (ao menos o psicológico/mental) terá sempre uma sucessão pessoal, pois sua passagem se estabelece a partir da pessoa, de seus sentimentos.

Borges também explica que “o tempo é a dádiva da eternidade” (Borges, 1987: 43), uma vez que a eternidade nos permite todas as experiências de um modo sucessivo. Há os dias e as noites, as horas, os minutos, a memória, as sensações presentes e, depois, o futuro, um futuro cuja forma ignoramos, mas que pressentimos ou tememos, que é a realidade de Jaromir Hladík, cujo futuro era a morte, e uma morte com prazo.

Com relação a Jaromir Hladík, é importante notar que, embora suas obras não tivessem grande repercussão, a Hladík – como a quase todo escritor – não agradava a ideia de partir e não concluir seu drama (*Os Inimigos*). Por isso, Jaromir tem uma conversa com Deus e lhe pede mais tempo de vida para que consiga concluir seu trabalho, tendo em vista que em breve morreria:

*Se de algum modo existo, se não sou uma de tuas repetições e erratas, existo como autor de Os Inimigos. Para levar a termo esse drama, que pode justificar-me e justificar-te, requieiro mais **um ano**. Outorga-me esses dias. Tu, de quem são os **séculos** e o **tempo**.* (Borges, 1972: 160; grifos em negrito nossos)

Como podemos perceber, apresenta-se o problema do tempo: Jaromir deseja escrever o segundo e terceiro atos de seu drama em versos, finalizá-lo – o que seria sua redenção –, no entanto, sua execução seria no dia seguinte. Desse modo, restou-lhe recorrer a Deus, afinal, não temos controle sobre o tempo, somos impotentes diante dele. Conforme Borges, o problema do tempo “é o problema do fugidio: o tempo passa” (Borges, 1987: 42), no entanto, a memória permanece: “(...) a memória é individual. Somos feitos, em boa parte, de nossa memória” (ibidem: 42). E é o que observamos em Hladík, a quem só resta a memória, para imaginar, relembrar, escrever e reescrever sua obra.

Durante o sono, em mais uma das fugas de Jaromir (o sonho), Deus lhe dá uma resposta:

Era a última noite, a mais atroz, mas dez minutos depois o sonho o alagou como uma água escura. Pela madrugada, sonhou que se ocultara numa das naves da biblioteca do Clementinum. Um bibliotecário de óculos pretos perguntou-lhe: *Que busca?* Hladík respondeu-lhe: *Busco a Deus.* O bibliotecário disse-lhe: *Deus está numa das letras de uma das páginas de um dos quatrocentos mil tomos do Clementinum. Meus pais e os pais de meus pais procuraram essa letra; eu me tornei cego buscando-a.* Despojou-se dos óculos e Hladík viu os olhos que estavam mortos. Um leitor entrou para devolver um atlas. *Este atlas é inútil,* disse, e entregou-o a Hladík. Este o abriu ao acaso. Viu um mapa da Índia, vertiginoso. Bruscamente seguro, tocou uma das mínimas letras. Uma voz ubíqua lhe falou: *O tempo de teu trabalho foi outorgado.* Aqui Hladík despertou. (Borges, 1972: 160-161; grifos do autor)

Depois disso, Hladík caminha para a impostergável jogada: o jogo estava prestes a terminar. Ele está diante de seu futuro temido, a descarga do chumbo germânico, que ocorreria no dia 29 de março, às nove horas da manhã. Nesse instante, Jaromir nota que algo acontecera. O universo físico parou:

As armas convergiram sobre Hladík, mas os homens que iam matá-lo estavam imóveis. (...) Dormiu ao cabo de um prazo indeterminado. Ao despertar, o mundo continuava imóvel e surdo. Em sua face a gota de água perdurava (...). Outro “dia” passou, antes que Hladík compreendesse. Um ano inteiro solicitara a Deus para terminar seu trabalho: um ano lhe concedia sua onipotência. Deus laborava para ele um milagre secreto. (Borges, 1972: 162)

Seu pedido foi atendido. Com destreza jamais imaginada, Hladík finaliza e revisa seu drama, e o faz de maneira precisa. Um trabalho árduo. E assim, de um estado de perplexidade, Jaromir passa à súbita gratidão, afinal, estava concluída sua obra *Os Inimigos*. Em sua mente o escritor vence e a redenção lhe é dada. Sua memória é a folha na qual transcreve todo o seu drama. Jaromir recebe um milagre, e esse lhe é concedido em um curto espaço de tempo. Dentro de dois minutos passou-se o tempo de um ano: “Deu término a seu drama: não lhe faltava já resolver senão um só epíteto. Encontrou-o; a gota de água resvalou em sua face. Iniciou um grito enlouquecido, moveu o rosto, a quádrupla descarga o derrubou” (Borges, 1972: 163). Jaromir foi executado às nove horas e dois minutos da manhã.

Assim, nota-se que o percurso lógico que Borges constrói em seu ensaio “O Tempo” se materializa literariamente no conto “O milagre secreto”. No ensaio, ele questiona: “Por que não aceitar a ideia de dois instantes de tempo”, e pondera: “Parece muito difícil aceitar o fato de que entre dois instantes existe um número infinito ou transfinito de instantes” (Borges, 1987: 45-46), que é o que ocorre no momento da morte de Hladík. Borges também defende que “o momento presente é o momento que tem um pouco de passado e um pouco de futuro”, isto é, é um momento incerto, e é essa inconstância do tempo, esse “milagre” (que talvez seja a nossa percepção dele), que Borges explora ao narrar o “milagre temporal” concedido a Jaromir Hladík: o milagre de um ano passado em dois minutos.

Quase ao fim de seu ensaio, Borges afirma: “todo o mundo, todo o universo das criaturas quer voltar a esse manancial eterno [do princípio], que é intemporal, não anterior ao tempo, nem posterior, mas fora do tempo” (Borges, 1987: 48); isto é: temos o desejo de “fugir” do tempo, o que reforça a ideia de que o tempo é a nossa grande questão/problema. Ora, se nos perguntam “o que é o tempo?”, podemos apenas responder: sabemos que ele existe, ele é um fato; mas a eternidade e a infinitude não podem ser mensuradas.

Referências

Borges, Jorge Luis. 1987. *Jorge Luis Borges: cinco visões pessoais*. Ramos da Silva. Maria Rosinda (trad.). 2. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília. (Coleção Itinerários; 19).

-----, 1972. *Ficções*. Nejar, Carlos (trad.). Porto Alegre. (Os imortais da literatura universal; 50).

CV

ILDÁLIA AGUIAR DE SOUZA SANTOS É GRADUANDA DO 4º ANO DE DIREITO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB). ESTUDOU LITERATURA INGLESA E HISPÂNICA PELO INSTITUTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (IALE –BRASÍLIA/DF), MÓDULO BÁSICO, E SE FORMOU EM LÍNGUA ESPANHOLA PELO PROJELE-UFMS. TAMBÉM POSSUI CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA, CONTEÚDOS BÁSICOS, PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UNICEUB).

JOYCE GLENDA BARROS AMORIM É GRADUANDA DO 4º ANO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). É BOLSISTA DO PIBIC/CNPQ E DESENVOLVE PESQUISA INTITULADA “RETRATOS DO FEMININO NA LITERATURA EM MATO GROSSO DO SUL: DE INOCÊNCIA À CUNHATAÍ”, PESQUISA QUE FAZ PARTE DO PROJETO “COM OS HAVERES DE UNS E DE OUTROS: A PAISAGEM REGIONAL, O RETRATO E O VIÉS DA CRÍTICA”.